

**Espaço, memória e identidade no romance *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende**

Sara Caroliny Pires\*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) – UEG – Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Goiás, Goiás, Brasil.

\*[sarasslmb@hotmail.com](mailto:sarasslmb@hotmail.com)

Neste trabalho, objetivamos analisar de que maneira o romance *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, problematiza as questões em torno do espaço, da memória e da identidade, mostrando como esses temas são necessários, na contemporaneidade, como ponto de partida para compreender o sujeito e o mundo que o circunda, levando em consideração o confronto da personagem narradora Alice com as duas cidades inseridas no romance: João Pessoa (a casa, a cidade natal) e Porto Alegre (a cidade alheia). O deslocamento pelos espaços possibilita à personagem um questionamento identitário e uma percepção subjetiva já que se trata de uma personagem que passa da maturidade para a velhice, evidenciando uma situação muito recorrente na contemporaneidade, que coloca os idosos numa posição de silenciamento e de apagamento de suas identidades. Esta pesquisa apoia-se também na ideia de que a configuração da narrativa ficcional contemporânea tem se ocupado da multiplicidade de percepções dos espaços narrados e captados em seus inúmeros fragmentos. Assim, alguns elementos são percebidos de maneira pertinente em torno das questões que envolvem espaço, memória e identidade, pois os mesmos se fragmentam, ganhando uma relevância peculiar no romance. Na escritura de Maria Valéria Rezende, esquecimento e existência remetem à metáfora da viagem e, nesse sentido, contrasta com a narrativa épica *Odisseia*. Se Ulisses viaja para não ser esquecido, Alice viaja rumo ao esquecimento, à nulidade. Para enfrentar esse momento de extrema angústia, Alice precisa fazer uma viagem e como resistência a essa tristeza, faz uso da escrita memorialística, configurando-se como um labirinto de palavras apoiadas em experiências e sentidos, sobretudo, por um olhar embebido de solidão e saudade. Condição essa que exige um monólogo constante com a Barbie do caderno (caderno escolar, com a imagem da boneca Barbie na capa), entrelaçando, na organização do romance, esses três temas acima citados. Desse modo, o narrador contemporâneo marca a fronteira entre as experiências deflagradas ao longo da vida e as possibilidades que poderiam ter sido absorvidas e experimentadas. Desse modo, os variados espaços que compõem o cenário de uma grande metrópole, sempre podem revelar fragmentos, fendas, vestígios e sobras, dado o trânsito dos sujeitos visíveis e invisíveis que fazem parte desses espaços marcados de maneira marginal.

**Palavras-chave:** Espaço. Memória. Identidade narrativa contemporânea.